



Um romance vintage

Glória, de Victor Heringer

Victoria Saramago*

Glória (2013) é um romance de muitas glórias, seja na polissemia da palavra detidamente explorada ao longo da narrativa, seja no último feito alcançado pelo autor, ao ficar em segundo lugar no Prêmio Jabuti por um primeiro romance, publicado aos vinte e poucos anos, que concorria com nomes já bem estabelecidos na cena literária atual. Se a boa surpresa a princípio inibe críticas negativas, a prosa trabalhada de Victor Heringer, aliada à cuidadosa arquitetura do enredo, tampouco as encorajam.

Começemos pelo enredo: uma boa e velha crônica familiar que, à la *Buddenbrooks*, acompanha a vida dos Alencar Costa e Oliveira e as ondas de desgosto e zombaria que os assombram – a zombaria como modo de vida expresso de distintas maneiras; e o desgosto como modo de morte, pois é fato sabido e consumado que todos os Costa e Oliveira estão condenados a morrer não de doenças e acidentes, mas de crises de desgosto imprevisíveis e fulminantes. É o caso do pai da família, que inaugura as mortes do livro já no segundo capítulo, após uma aparição carismática na abertura com o lema bastante repetido de que “Deus é, era, gago”.

* Doutoranda em Literatura Latino-Americana na Universidade de Stanford, EUA.

Essa piada, explicada e exaurida nos primeiros capítulos, prossegue latente nos inúmeros personagens e tramas paralelos, mas especialmente nas trajetórias dos filhos Benjamim e Abel, os personagens mais destacados e quiçá os mais marcantes do romance.

O primeiro, um artista frustrado e funcionário de museu, investe seu tempo no fórum virtual Café Aleph, cujos usuários se identificam apenas por pseudônimos célebres e pomposos – o de Benjamim é Hecateu de Mileto, por exemplo – e se dedicam a tertúlias abstratas nas quais a regra máxima é a ironia. Entre o espaço virtual e o apartamento na Glória, sempre ela, os desejos e frustrações profissionais, amorosas e existenciais de Benjamim tomarão corpo e acidez.

Já Abel vai mais longe. Pastor protestante, se radica na África, vive seus anos incógnitos por lá e volta ao Brasil com o firme propósito de instalar sua igreja em Santa Maria Madalena, o antigo quartel-general dos Costa e Oliveira e ainda reduto de D. Letícia, senhorinha endinheirada e comprometida com a produção e publicação da história da linhagem. Não por acaso, a fé pregada por Abel não é senão a da gargalhada zombeteira como arma de combate contra “o desgosto, a depressão, a tristeza [, que] era a epidemia do século XXI” (p. 151). Como se imagina, seu destino e sua glória eram virar meme na internet.

Adjacentes a esse núcleo, circulam o irmão dos dois, Daniel, um sisudo e bem-sucedido pai de família, ou Noemi, a divertida mãe dos três. Ou Conceição, a empregada de D. Letícia e depois de Abel, e seu neto Ambrósio, futuro entusiasta do movimento mada-lenista inspirado pela família. Ou as esposas Natália, de Benjamin, e a americana Ruth, de Abel. Todos têm o seu quinhão de angústia e humor, mas talvez Ambrósio e Daniel tenham um pequeno saldo:

estão os dois na moldura metaficcional da história, como seus narradores, patrocinadores, e por aí vai.

O recurso à metaficcionalidade, desenvolvida pesadamente no prólogo, no epílogo e nas muitas notas de pé de página, já nos dá uma ideia de alguns dos traços pós-modernos de que o livro é às vezes adepto, às vezes vítima. Outro é o motivo do escritor por encomenda próximo a um ghost-writer que, aliado à presença de Ambrósio e Daniel, desestabiliza a voz autoral do texto. Ou a linguagem rebuscada de que tratarei adiante, que às vezes joga com a linguagem jornalística e a dos shows religiosos, por exemplo, numa mistura de gêneros. Ou ainda a intensa intertextualidade com a obra de Machado de Assis, que merece um parágrafo à parte.

“Como disse o poeta ou um dos membros do Aleph, na vida há mesmo dessas semelhanças esquisitas” (p. 96). A antonomásia não pode senão sugerir que o poeta é Machado de Assis, ou o narrador Bentinho ou o velho Gurgel, que em *Dom Casmurro* usa quase a mesma oração para apontar as semelhanças entre Capitu e a mãe de Sancha. No caso de Glória, as semelhanças com a obra de Machado não são tão esquisitas se levarmos em conta que Heringer trabalhou por anos na Casa de Rui Barbosa, significativamente editando belas versões em hipertexto dos romances de Machado e revisando artigos para a revista *Machado de Assis em Linha*. Muito possivelmente, essa imersão profunda o ajudou a partir dos textos machadianos para construir algumas ótimas tiradas do livro, como o episódio em que Abel edita os 35 cadernos de D. Letícia contendo a história da família, à maneira do editor M. de A. que, nos últimos romances de Machado, edita os cadernos de Aires; ou a divertidíssima morte do cachorro virtual de Benjamin, que o próprio pseudônimo Machado de Assis aparece para comentar, tal como faria o autor de *Quincas Borba*.

Acrescentem-se um capítulo em branco, um capítulo final repleto de negativas e um guarda noturno que trabalhava com Benjamin, manifesta seus desejos de grandeza em eventos religiosos, vira mendigo e é encontrado pelo protagonista tal como faria um Quincas Borba (que no romance de Heringer tem o sugestivo nome de Antônio Vieira): temos aí o carimbo de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Mas talvez a contribuição maior, a que realmente mova o enredo de *Glória*, seja “a pena da galhofa e a tinta da melancolia” com que Brás Cubas discorre sobre o reino dos vivos. Em *Glória*, o mesmo par ressurgem em doses bastante generosas sob a forma da zombaria e do desgosto, que, como vimos, são as bases da narrativa.

Ao mesmo tempo, trata-se de um livro que aborda temas bastante contemporâneos, principalmente os relativos à internet, em suas novas formas de relacionamento pessoal e difusão de informação, e as religiões que vêm se multiplicando no Brasil atual, principalmente as protestantes. O primeiro aparece sobretudo na vida de Benjamim e seu Café Aleph, ainda que também transpareça na viralização dos vídeos das pregações de Abel na rede. Já o segundo está encarnado na figura de Abel e sua vida. Nesse sentido, foi uma boa escolha a de fazer dos dois personagens os protagonistas, o que dá a esses temas uma visibilidade que dificilmente encontraria tanto espaço se eles estivessem atrelados a personagens secundários.

Nesse misto de temáticas contemporâneas, referências à obra machadiana e múltiplas tramas, a linguagem do livro emerge como um aspecto problemático mas com certo potencial. Como o leitor talvez tenha reparado nas passagens citadas, Heringer cultiva uma prosa que mais se assemelharia a algo do século XIX, ou até antes: “Em novembro de 2011, quando comecei a escrever a terceira e última versão deste que receberia o título de *Glória*, Silva Costa

quebrou um silêncio de mais de seis meses e me enviou um e-mail encorajador, ao qual anexou um texto seu, inédito e elogioso, para figurar ao fim deste prefácio, à moda do século XVII” (p. 15). Se o texto de duas linhas de Ambrósio Silva Costa se baseia na passagem de Heráclito que seria a epígrafe do próprio livro, a sintaxe da passagem acima, bem como seu conteúdo, já darão algumas pistas sobre as orientações estilísticas do autor. Estendido às mais de 250 páginas do romance, esse estilo ganha um efeito um tanto particular. Não há uma justificativa muito evidente para essa opção, como uma história situada séculos atrás, um personagem-narrador com um discurso específico ou algo semelhante. É como se Heringer tivesse simplesmente passado todo o romance no Instagram, ou seja, como se imprimisse aquele filtro de foto antiga em imagens com as quais o conteúdo pouco se conecta.

A única saída para entender a opção de Heringer, a meu ver, é pensá-la numa chave irônica, como está sugerido em várias passagens do livro. Nesse caso, o livro se aproximaria de algo como uma estética hipster, entendida como uma reapropriação irônica de formas do passado com o objetivo de criar um efeito de singularidade notadamente indiferente a qualquer ideia de praticidade e economia. É algo semelhante, por exemplo, àqueles que recuperam as bicicletas sem marcha, os suspensórios e as saias armadas, ou aqueles que carregam vitrolas debaixo do braço para lanchonetes e bancos de praça. “Se a ironia é o etos de nosso tempo – e é –, então o hipster é nosso arquétipo do viver irônico”, diz Christy Walpole no artigo “Como viver sem ironia”, publicado há alguns anos no *New York Times*.¹

1 As traduções do artigo são de minha autoria. O link para o texto original é: http://opinionator.blogs.nytimes.com/2012/11/17/how-to-live-without-irony/?_r=0

Minha proposta é a de que podemos pensar a prosa de Heringer nesta chave: irônica, vintage, poseur, ela pode se consumir na própria piada ou abrir caminho para algo mais interessante, ao contrário do que Walpole defende a respeito do viver irônico. Só nos resta esperar as próximas incursões romanescas de Heringer, que também é poeta e videoartista. E, a julgar pelo fôlego deste *Glória*, elas virão.